

CASSANDRA RIOS E AS REVERSÕES DO DESEJO

Ana Gabriela Pereira¹
Paulo César García²

Resumo:

Ao longo de quase quatro décadas de carreira, Cassandra Rios publicou mais de quarenta títulos, com os quais tornou-se muito popular. Esta popularidade se deve à trajetória de uma produção literária que instigava leitores/as a desvelar personagens consideradas depravadas, perniciosas, erotizadas. Por este perfil, a obra de Cassandra Rios cria faces que desmontam o cânone e constroem discursos acerca dos corpos das mulheres lésbicas, contribuindo, assim, para a constituição de outros lugares de fala. Neste texto, pretendemos refletir acerca da maneira como a identidade lésbica se configura na narrativa *As traças*. Não se trata somente de desconstruir o desejo pela naturalização do corpo e sim buscar, na escrita do romance, críticas relacionadas aos fatores preponderantes que identificam a mulher como assujeitada e libertina, quer dizer, a disciplina, a norma, de um lado e a quebra dos conceitos e rompimentos heterossexistas, de outro, afloram para ler/ver a existência do feminismo lésbico através da heteronormatividade. A partir das impressões dadas pela autora, cabe posicionar a análise que visa às relações subjetivas e os desejos revertidos do feminino.

Palavras-chave: Cassandra Rios, desejo, leitura, performance

Introdução

Na segunda metade do século XX, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, uma romancista brasileira conseguiu atingir um público leitor extraordinário, o que a levou a alcançar cifras de vendagem até então inéditas. Dentre os motivos de tamanha popularidade, está, sem dúvida, o empreendimento a que sua literatura se propunha: inserir no cenário literário nacional assuntos polêmicos, considerados impuros pelas tradicionais instituições da sociedade.

A referência diz respeito à escritora paulista Cassandra Rios³ e a sua literatura, destacada por se voltar para a exploração de uma multiplicidade de temas e de questões que envolvem desde problemas sociais a sincretismo religioso. Em meio à diversidade de questões abordadas, contudo, “a descrição da homossexualidade em cenários urbanos é a linha central e recorrente que permeia toda a sua obra” (SANTOS, 2003, p. 18).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB DEDC II Alagoinhas/BA). Desenvolve pesquisa de dissertação sobre a lesbianidade em Cassandra Rios.

² Doutor em Literatura. Professor do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB DEDC II Alagoinhas/BA), orientador de Ana Gabriela Pio Pereira e co-autor do artigo.

³ Cassandra Rios é pseudônimo de Odete Rios, batizada Odete Rios Pérez Perañez González Hernández Arrelano.

À observação de Santos (2003) faz-se necessário acrescentar que é a homossexualidade de mulheres a temática preponderante em toda a produção literária de Rios. Os romances cassandrianos são palco para inúmeros casos de amor entre mulheres. Mulheres com histórias distintas, mas que compactuam do desejo amoroso/sexual por uma igual. Lésbicas que, a partir da obra da autora, adquirem uma existência ficcional enquanto protagonistas e, conseqüentemente, autoridade para tecer suas próprias narrativas de si.

A obra de Rios, portanto, ao possibilitar que personagens femininas expressassem-se acerca da sua sexualidade e, mais precisamente, da sua homossexualidade, contribuiu para uma política de visibilidade para esses sujeitos historicamente marginalizados por uma cultura pautada em um sistema de pensamento heteronormativo e falocêntrico. Todo o investimento dessa literatura se concentra em um desejo de reversão da moral vigente, a partir da exploração da subjetividade desses sujeitos.

É o que acontece, por exemplo, no romance *As traças*⁴, que tem como carro chefe a história da paixão desconcertante entre Andréa, uma adolescente secundarista, e D. Berenice, uma de suas professoras. O livro insere o leitor no universo das relações homoeróticas femininas e lhe possibilita a reflexão em torno da construção das identidades lésbicas.

Enviesando as performances das duas personagens centrais, a narrativa permite identificar críticas relacionadas aos constructos discursivos acerca das mulheres lésbicas e aos padrões de vida heterossexistas que regulam as relações entre os sujeitos e a forma de pensar os corpos e os desejos.

Em busca de redescobertas nas leituras de si

Em *O último leitor*, Ricardo Piglia (2006) fala sobre “uma história imaginária dos leitores”. Atentemos para o fato de que a referência não é a uma história da leitura, mas a uma história daquele que, na literatura, assume a tarefa de ler. O interesse seria mapear aquele que está lendo. Em outras palavras, tentar perceber o seu lugar de leitura, as suas condições e os seus objetivos ao ler.

Piglia enaltece o cenário da discussão, revelando um tipo leitor que ele denomina de visionário. Trata-se da representatividade do leitor no espaço ficcional, elevando a sua perspectiva de vivenciar histórias e acontecimentos dos relatos, mas, por sua vez, a realização da leitura o insere no campo da reflexão. Ou seja, a prática do sujeito leitor se destina, antes de tudo, para uma forma

⁴ Devido à falta de registros, há dificuldade para precisar a data da publicação da primeira edição do romance. Alguns pesquisadores arriscam o ano de 1975, enquanto outros, 1982. Neste trabalho, utilizaremos a edição mais recente, de 2005.

de conhecer estágios culturais por meio de certa realidade apresentada. Como apreendê-la é um exercício que cabe nas proporções reflexivas do ato de ler e como ler.

Poderíamos, em um primeiro momento, dizer que esse é, se não o perfil, ao menos o desejo da personagem Andréa, de *As traças*. A adolescente, tipicamente inserida em uma família de classe média da capital paulista dos anos 1970, quando mexida pelo incontrolável desejo por uma mulher, acredita que estaria acontecendo algo que “a vida inteira pressentiu” e que, de certa forma, “temia aclarar-se”. “A disposição da natureza. A noção final do que era: lésbica” (RIOS, 2005, p. 48). Diante disso, Andréa se empenha em procurar, quase que obsessivamente, compreender o processo que experimentava e o faz a partir de uma inserção no universo dos livros. Ao ler livros que trazem referenciais sobre a temática da homossexualidade, depara-se com os questionamentos sobre a identificação da sexualidade. A busca do tempo da leitura é uma descoberta, momento em que se ocupa para se conhecer, encontrar resposta sobre a orientação sexual.

De acordo com os argumentos de Piglia (2006), os reflexos da representatividade da personagem que recorre à leitura de textos científicos falam de si, ou melhor, oferecem para Andréa particularidades da intimidade subjetiva e com as quais ela se mostra, se identifica com conceitos ou os interpela. Trata-se de uma jovem inexperientes que visa filtrar as noções sobre o que é e como é ser lésbica. Vale lembrar que a literatura de Cassandra Rios se mostra em um ambiente que contextualiza o conservadorismo, porém, mexe com este contexto sócio-cultural brasileiro, ao falar publicamente de questões concernentes à homossexualidade feminina. Vista como tabu, sobretudo quando registros de livros se referiam à homossexualidade como prática intolerável, a leitura realizada pela personagem se torna a única opção para saber sobre um desejo que a consumia. São textos da área da literatura médica⁵ com os quais têm acesso e são acessíveis ao seu domínio, uma vez que, nos anos 70 do século XX, a propagação de críticas aos conceitos do homossexualismo⁶ era obsoleta e pouco se geravam obras da antropologia e da sociologia no domínio público com edições de livros que desprezavam normas científicas que rotulavam o sujeito homossexual como ser anormal. As leituras de Foucault começam a delinear nos cursos de Pós-Graduação em meados dos anos 80 e com as quais iniciam todo um processo de desconstrução das sexualidades entre os do mesmo sexo. Por isso, os textos que eram lidos por Andréa estavam muito longe de atenderem às suas expectativas, pois revelavam uma visão da homossexualidade relacionada à patologia e

⁵ O romance não afirma que a fonte das leituras realizadas por Andréa é da literatura médica. No entanto, pelo conteúdo apresentado, os textos tratam da sexualidade entre os iguais como desvio e anormalidade, deixando evidente a patologização das identidades homossexuais.

⁶ O termo homossexualismo era predominante nesta época e o inseria sob a noção patológica, o sexo entre os iguais como perversão e doentio, solicitando tratamento sob os efeitos da ciência da psiquiatria e da psicologia. Somente em 1984, a psicologia reconhece o direito ao amor sem qualquer indícios e causas que nomeie o sujeito que mantém relações homossexuais como doentio.

procuravam argumentar sobre as possíveis causas do problema, provocando indignação na protagonista.

Que absurdos supunham e procuravam inculcar para determinar a causa. Seguramente eram todas teorias falhas. Estava ali, com sua inteligência e raciocínio, capaz de provar que não se tratava absolutamente de nenhum distúrbio glandular ou hormonal, psicose, neurose, anomalia proveniente de traumas psicológicos, complexos ou vícios adquiridos na infância. (RIOS, 2005, p. 80)

Causam estranhamentos na personagem os significados rotulados e é o ponto de partida para por em xeque, durante toda a narrativa, os constructos discursivos acerca da homossexualidade feminina. Por não encontrar o sentido que apresentasse respaldos sobre o desejo homossexual capaz de atender às suas expectativas, Andréa diverge das leituras mais estruturantes do sistema que padroniza a cultura de gênero e das diversidades sexuais, ou seja, ela reflete através dessas leituras paradigmáticas e de cunho normalizadores e as desconstroem, tornando-se uma crítica aos discursivos heterossexistas e da compulsoriedade da cultura hegemônica. A leitura se afina com um imaginário mais fértil passando a reescrever o significado da homossexualidade por uma vertente transitória de noções e conceitos inscritos no contexto histórico-cultural. A estratégia de leitura da protagonista permite que o romance seja entendido como um texto crítico que possibilita a compreensão de sujeitos como produto de práticas discursivas, o que, conseqüentemente, leva ao questionamento da naturalização das práticas heterossexuais que fundamentam a heteronormatividade.

Recorrendo a Foucault (1984), verificamos que o conceito de homossexualidade difundido no contexto social em questão revela Andréa fazendo parte e constituída no interior de um dispositivo discursivo que instaurou “um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas” (FOUCAULT, 1984, p. 9).

Esses processos, de acordo com Foucault, colocaram o sexo no centro de uma importante *petição de saber*⁷, o que levou as sociedades ocidentais modernas a conceberem questões concernentes ao indivíduo pela sexualidade. Obviamente não nos referimos ao sexo do ponto de vista da natureza, da biologia, mas ao *sexo-discurso*⁸. Tudo o que nos representa enquanto indivíduos, portanto, foi colocado sob uma *lógica do sexo*⁹. O homem foi transformado “no filho de um sexo imperioso e inteligível” e o sexo em “razão de tudo” (FOUCAULT, 1988, p. 88-89)

Nesse sentido, é de importância primordial compreender como uma complexa relação entre

⁷ Grifos nossos.

⁸ Expressão foucaultiana.

⁹ Grifos nossos.

sexo e poder se instaurou e passou a influenciar o pensamento e a determinar os modos de vida dos indivíduos. Sobre tal relação, Foucault argumenta que o poder não age sobre o sexo na forma de repressão. Aliás, de acordo com o teórico, “o poder não ‘pode’ nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não” (1988, p. 93). Desta forma, a função do poder equivaleria a de um legislador: atribuir limites, marcar fronteiras, criar um regime binário que estabeleça o lícito e o ilícito, o permitido e o proibido, o normal e o anormal. O poder age, destarte, criando a regra e isso é feito através da linguagem. “[...] o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato discursivo que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra” (FOUCAULT, 1988, p. 94).

O desenvolvimento e as práticas sexuais são regulados a partir de normas consolidadas através da linguagem. Se a linguagem torna legítima, como a própria expressão da natureza, a sexualidade do casal heterossexual – forma produtiva de viver a sexualidade –, todas as formas de sexualidade inscritas fora destes limites são consideradas improdutivas, periféricas e, por este motivo, passíveis de serem mantidas sob a vigilância de mecanismos que visam evitar sua disseminação.

A classificação das práticas sexuais a partir do seu potencial de produtividade tem no discurso científico a sua origem. Se até o final do século XVIII, as práticas sexuais eram regidas por três códigos, o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil, o século XIX traz a *scientia sexualis*. (FOUCAULT, 1988). À medicina, então, coube descrever e nomear as sexualidades periféricas à luz da ciência. A sodomia, até então vista como pecado ou crime, passa a ser compreendida como uma perversão.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada do que ele é, no final das contas, escapa à sua sexualidade (FOUCAULT, 1988, p. 50).

Nesse contexto, enquanto a heterossexualidade é estimulada por ser considerada a forma saudável de exercício da sexualidade, a homossexualidade é descrita como patologia. Mais do que isso, o homossexual, que já não é um pecador ou um criminoso, mas uma espécie, deve ser destinado a tratamento médico-psiquiátrico. Assim, quando atesta ser a homossexualidade um distúrbio, a ciência está legitimando uma ordem cujo interesse primordial é manter a heterossexualidade como referência, como a norma, no topo de uma cadeia de relações instituída culturalmente.

Talvez, caiba o papel da personagem/leitora do romance *As traças* de problematizar a narrativa de si. Mais do que o discurso religioso, é o discurso científico que Andréa questiona. Ao pensar como absurdas as explicações sobre as possíveis causas da homossexualidade, ao recusar a

noção de homossexualidade instituída pela *scientia sexualis* e ao refletir a homossexualidade feminina, ela produz aquilo que Foucault (1988) expressa como *discurso de reação*¹⁰. Dito de outra forma, Andréa, enquanto homossexual, está questionando as formas de definir a homossexualidade cristalizadas, investindo contra as formas de representação estigmatizadas e operando com outras possibilidade de representação. Ela está, principalmente, questionando o processo de naturalização das coisas e das pessoas em nossa cultura.

A personagem, portanto, busca redescobrir a lesbianidade livre da noção de patologia, de distúrbio ou mesmo da noção de anomalia. O intuito é construir uma imagem positiva das lésbicas. Essa possibilidade é reconstruída a partir da releitura de uma tradição conservadora e heterocêntrica. Toma a si no gesto da leitura e relendo significados que põem o indivíduo na esfera social como abjeto, desconstrói um modo pensar e essencializar as identidades sexuais.

Versões e reversões de si

O ato de leitura de Andréa é construído a partir do que Piglia (2006) identifica como uma “liberdade no uso dos textos”. Essa liberdade permite à personagem ler levando em conta os próprios interesses, ou mesmo a própria necessidade de reler uma tradição discursiva que inventou o/a homossexual e o/a relegou a uma condição de marginalidade. Se tal afirmação pode ser considerada inequívoca, não se pode, no entanto, deixar de atentar para o desejo da protagonista de regular pensamentos e comportamentos das mulheres lésbicas. Em sua intervenção, Andréa defende uma espécie de código de conduta, um modelo de comportamento para as mulheres que experimentam relações amorosas/sexuais com outras mulheres.

Poderíamos, em um primeiro momento, lançar mão da hipótese de que o investimento em regras de comportamento ou em um modelo de performance para as lésbicas é uma estratégia cujo intuito é forjar uma representação livre de associações negativas. Uma tal estratégia garante para esses sujeitos, que Linda Hutcheon (1991) denomina de “ex-cêntricos” – por sua condição marginalizada, em choque com o ordinário e com hegemônico, por sua constante rivalidade com o centro –, uma imagem passível de ser tolerada no contexto social.

De fato, uma leitura mais cuidadosa demonstra que a protagonista procura contrapor performances, no intuito de legitimar as que, segundo a sua ótica, seriam adequadas para as mulheres lésbicas. Nesse sentido, são consideradas “normais”, “genuínas”, as lésbicas de performance feminina, enquanto que aquelas estereotipadas como sapatão ou machona são marginalizadas.

¹⁰ Grifos nossos

- Rosana, vamos embora, isso é o fim do mundo. Essas mulheres assim vestidas, andando desse jeito, o que pensam? Que são homens? Aquela grandalhona parece chofer de caminhão. Meus Deus, será que não sabem ser lésbicas sem imitar homens? (RIOS, 2005, p. 150)

Assim, as principais lésbicas do romance são cuidadosamente descritas com o objetivo de resguardar as peculiaridades do gênero feminino. Ou seja, afirma-se o papel do feminino e do posicionamento das mulheres como a fatal e a sedutora, imprimindo o gesto do apassivamento na cultura falocêntrica. Para convalidar essa ideia, Andréa se descreve enfatizando características como beleza, simpatia, graça e sensualidade; enquanto Berenice, sua amante, é marcada pela sensualidade e pelo poder de sedução.

A persuasão de modos de ser pelo corpo focaliza o modo de se vestir e o de se comportar, apontando para os caracteres sociais que rotulam as identificações das lésbicas. A protagonista busca, ainda, incorporar outros valores em torno das relações afetivas e sexuais que essas mulheres estabelecem com suas parceiras. Defende relacionamentos monogâmicos, pautados em princípios como a fidelidade, e abomina a bissexualidade, o que, de certo modo, acaba por repetir concepções da heterossexualidade compulsória.

Podemos, assim, pensar a crítica realizada por Butler (2008) às estratégias de representação. A tentativa da protagonista de estabelecer uma ordem, criando uma representação livre de estigmas, capaz de garantir visibilidade, legitimidade e respeito às mulheres lésbicas, assume na obra, paradoxalmente, um caráter normativo, já que o modelo defendido da mulher lésbica feminina, intelectualmente privilegiada, preocupada com a discrição, passa a ser um referencial. Desta forma, talvez seja possível afirmar que Andréa, na sua imaturidade juvenil, cai em uma armadilha, ao não considerar que “um modo da dominação funcionar é mediante a regulação e produção de sujeitos” (BUTLER, 2008, p. 22)

Fica evidente, portanto, que a protagonista de *As traças*, de diversas formas, tenta produzir os sujeitos homossexuais. Se a sua inferência tem a vantagem de problematizar os constructos sobre a homossexualidade, sobretudo quando desdenha noções científicas e religiosas, o que possibilita “uma crítica corrosiva ao sistema hetero-patriarcal-falocêntrico” (FACCO; LIMA, 2004), capaz de abalar suas próprias estruturas; tem, em contrapartida, a desvantagem de pretender doutrinar os corpos de mulheres que têm experiências afetivas/sexuais com outras mulheres, ou seja, moldá-los conforme a sua imagem e semelhança.

Como afirma Antônio de Pádua Dias da Silva, desde a sua gênese, o corpo feminino, “nunca foi interpretado totalmente como de direito das mulheres” (SILVA, 2010 p.50), pois sempre foram os homens – médicos, educadores, sociólogos, dentre outros – os responsáveis pela legitimação de

uma gama de discursos que pretendiam educá-lo. Assim sendo, a protagonista de *As traças* nos permite visualizar uma mulher tomando posse do seu próprio corpo. Isto, no entanto, não assegura a tão sonhada liberdade para fazer suas próprias escolhas. Contraditoriamente, a voz feminina de Andréa estabelece limites para o corpo.

É a presença de uma outra personagem, no entanto, que nos permite uma linha de fuga ou um outro viés de leitura para além do enquadramento em um modelo fixo, em uma identidade lésbica. É a professora Berenice, a amante de Andréa. No auge na sua maturidade emocional e intelectual, Berenice afronta a voz doutrinária de Andréa e o seu desejo de normatização.

A professora se coloca no papel daquela que não aceita se deixar modelar por um padrão de comportamento. Durante toda a narrativa, são escassos os acessos à voz de Berenice. Sua imagem é constituída a partir da narrativa das outras personagens, do olhar das outras personagens sobre ela. O leitor tem informações sobre sua vida profissional, sobre seus relacionamentos com alunas, sobre seus casos, mas não tem acesso aos seus pensamentos e concepções de mundo. Nem mesmo o narrador parece dar conta da personagem que permanece uma estranha durante todo o texto. Como sugeriu Andréa em um dos seus muitos momentos de reflexão, a mestre tinha “uma índole pervertida” (RIOS, 2005, p.44)

A performance de Berenice contrasta com a de Andréa, pois, longe de pretender doutrinar, ela parece opor-se ao projeto de regulação dos corpos e do comportamento das lésbicas. Se pode parecer perigoso afirmar que seu discurso estabelece uma oposição ao discurso de Andréa, ao menos podemos garantir que a personagem resiste ao desejo de normatização da outra.

Em um dos raros momentos em que se pronuncia, é a própria Berenice quem arrisca uma definição:

- Somos duas traças. – disse a professora.
- Traças? Por quê? Eu não quero ser traça, prefiro ser um cogumelo branco do mato, você já viu? É tão lindo, tão branco, parece um pompom de algodão, mas é venenoso...
- Eu sou a traça, pertenço à família dos tineidas e dos tisanuros, talvez do gênero lepisma. Sou aquilo que destrói pouco a pouco, não vê o franjar das minhas asas e as unhas em forma de casco?
- Não são cascos! Prefiro que você seja uma cigarra.
- Traça. Sou traça! Tentando passar despercebida entre os outros, sinto-me como a traça que se esconde entre as costuras dos livros para, no fim, morrer esmagada entre suas páginas (RIOS, 2005, p. 226).

Como, então, pensar a representação de Berenice na obra? O que pode ser refletido através do seu silêncio? Em suas próprias palavras, cremos haver uma pista de dedução. Ela é *uma traça*¹¹

¹¹ Traça é a designação popular de diversos tipos de insetos cuja atividade é lesiva para uma série objetos. Roupas, móveis, livros são alvos constantes do inseto.

e, conseqüentemente, sua potência está em roer coisas. Mas o que, possivelmente, essa traça estaria tentando roer? Que estruturas pretenderia fazer ruir? O discurso legitimador de uma heteronormatividade, sem dúvida. Mas também, o desejo de uma ordem das coisas que a intervenção de Andréa pretende estabelecer na narrativa.

Berenice parece entender quão opressoras são as instituições sociais e o efeito regulador e disciplinador sobre os corpos que elas produzem (LOURO, 2008). É por isto que ela foge às instituições, inclusive, daquelas que se dizem empenhadas em lutar por uma emancipação do corpo feminino. Aliás, seu comportamento demonstra desdém por convenções e, sobretudo, por princípios éticos e morais: envolve-se com alunas adolescentes, é “caso”¹² de uma colega de trabalho, tem um noivo (que não foi o único) com quem, segundo insinuações, tem relações sexuais.

Poderíamos argumentar que Berenice representa uma vontade de desordenar a ordem que Andréa pretende instaurar. Assim, podemos aqui lançar mão do conceito de *mal* sugerido por Bataille para tentar compreender o universo da personagem. Ela é uma personagem *maldita*. Sua performance representa “o princípio oposto de uma maneira irremediável à ordem natural, que está nos limites da razão” (BATAILLE, 1989, p. 27). Ao desestruturar a própria ordem da narrativa, Berenice denuncia a opressão a que os homossexuais estão submetidos dentro das estruturas do tradicional discurso masculino e afirma que a ordem patriarcal não funciona.

Por isso, Berenice rompe com os dogmas culturais, de ser a mulher enquadrada pelo sistema social machista. Mais do que qualquer outro personagem da narrativa, ela parece entender os limites, os contornos, as restrições de assumir uma identidade estável. É por isso que ela foge da estereótipos. Seu comportamento intriga o leitor e provoca sentimentos díspares.

Embora também se afirme uma “homossexual genuína”, e isso se evidencia nos poucos momentos em que o leitor tem acesso à sua fala, Berenice apresenta uma postura intolerante às instituições, o que acaba por fazê-la ultrapassar limites fundamentais.

A personagem Berenice, então, pode ser compreendida como a portadora de um desejo sob trânsitos, atravessando lugares não nomeados, para ser situado no múltiplo, emergindo constantemente fora dos padrões da cultura heterocêntrica.

Referências

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato

¹² A expressão caso denotava namoro. Era muito usada nos anos 70 em que as relações poderiam ser passageiras ou mais intensas.

Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: _____; _____. (Org.). *O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

FACCO, Lúcia; LIMA, Maria Isabel de Castro. Protagonistas lésbicas: a escrita de Cassandra Rios sob a *censura* dos anos de *chumbo*. *Labrys, Estudos Feministas*, n. 6, ago./ dez. 2004. Disponível em: <www.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/les/bau.htm>. Acesso em: 07/07/2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal, 1984. v. 2.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LUGARINHO, Mário César. Nasce a literatura gay no Brasil: Reflexões para Luís Capucho. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

MESSEDER, Suely Aldir. Quando as lésbicas entram na cena do cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas /sexuais com outras mulheres na heterossexualidade compulsória. In: *Universidade e Sociedade*. Distrito Federal, ano XXI , nº 49, janeiro de 2012.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIOS, Cassandra. *As traças*. Org. Rick J. Santos. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, Rick. Cassandra Rios e o surgimento da literatura gay e lésbica no Brasil. *Revista Gênero – Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*, v. 4, n. 1, p. 17-31, 1 sem. 2003, Niterói: EDUFF, 2003.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão*. Campina Grande: EDUEPB, 2010.